

PARTICULAR

A CASA. COMO CONVÉM.
Rua Silveira Lobo, 150-A, Poço da Panela.
Recife - PE - BRASIL CEP 52061-030
55 81 3267 5019

Experimento Urbano Caseiro
O dia, a Casa e a Cidade do Recife.

Em dois mil e sete fomos morar juntos no impressado do poço da panela casa amarela casa forte em uma casa apartamento prediozinho. Rua Silveira Lobo, nº 150A. Os meninos são artistas, Cristiano Lenhardt e Jonathas de Andrade, e pra todos nós, todos estrangeiros naquela cidade, a mudança era o novo começo do Recife.

A vontade era de criar espaço na casa: quem tem casa quer visita. E pra nós e pras visitas conhecer o Recife era preciso. O Recife ao nosso redor, porém, não parava de mudar. Onde o olho parasse, chegava uma poeira e transformava a paisagem em lembrança. A cidade está toda em construção, tudo num fôlego só explode e incha. Não há quem dê conta. Em casa fez-se também o espaço de trabalho, lá também era atelier. Trabalhando junto, comendo, dormindo, conversava-se também, sonhava-se também. Por sorte e por temperamento, a rotina trazia prazer, desfazia a rotina e traçava planos. PROJETO: residência de artista no quarto da empregada?

Viajamos os três pro Rio de Janeiro e de lá trouxemos um livrinho. A CASA, COMO CONVÉM. Um título, uma carta, o discurso na forma que esse livro tinha. Páginas sem número, divisão de cômodos, em preto, azul e laranja um tanto das vontades do Arquiteto Marcos de Vasconcellos. NOVO PROJETO: Residências em formato visita e residências em formato correspondência. Festa por vir: convites e olho atento pra aproveitar a ocasião. Os artistas foram chamados, também quem tivesse o que nos contar, da casa, da rua, do trabalho. Arquitetos, poeta, vidente, film-makers plantadores de cana, desenhadores, estudantes da ciência cognitiva. Chamamos amigos e ganhamos amigos também. Meses de conversa.

A Casa, como convém, ficou aberta por uma semana. Às tardes, pequenas comidas seguravam as visitas. Café, chá, suco, às vezes cerveja pra molhar a boca e continuar a conversa. Antes e depois: um corpo se forma. O nome ganha autonomia e vira catalisador de outras atenções. Um meio comum onde trabalho, possibilidades, estéticas se desenvolvem. Nós, nesse meio, nos envolvemos numa partilha sem começo nem fim, em que cada pra cada um cabe-a fala com a sua voz, sendo a força vinda da comida coletiva.

O sentimento agora é que o que se formou debaixo de um teto foi uma idéia - a partilha dela continua. O endereço que é de morada é também o de correspondência.

A CASA COMO CONVÉM, por esses tempos: Cristiano Lenhardt, Cristina Lino, Jonathas de Andrade, Priscila Gonzaga e Silvan Kälin.

Home-made urban experiment
The Day, the House and the City of Recife

In 2007 we moved in together to the flat-house in the district of poço da panela casa amarela casa forte, 150A, Silveira Lobo Street. The boys are artists, Cristiano Lenhardt and Jonathas de Andrade, and for all of us, all foreigners in that city, that moving was the beginning of Recife.

The will was to create space in the house: whoever wants to have a home wants visitors. For us as well as for the visitors, getting to know Recife was necessary. The Recife around us, however, would not cease changing. Wherever the eye stopped, there was some dust that turned the landscape into memory. The city is all under construction, in only one breath it explodes and swells. No one can get hold of it. The dwelling place became also a working space, the house was also a Studio. Working together, eating, sleeping, we talked, we dreamt. For chance and for temperament, the routine gained pleasure, undoing the routine itself, and drawing up new plans. PROJECT: artist's residence in the maid's room?

The three of us travelled to Rio de Janeiro and brought a book back from there. THE HOUSE, AS IT SHOULD BE. A title, a letter, the discourse in the form this book brought. Pages without numbers, divisions of rooms, in black, blue and orange, some of the desires of the architect Marcos de Vasconcellos. NEW PROJECT: residences as visits and residences as correspondences. Festivity to come: invitations and aware eye to take advantage of the occasion. The artists were invited, and also whoever had something to tell, about the street, the house, the work. Architects, poet, clairvoyant, film-maker-sugar-cane-planter, drawers, cognitive science students. We've called friends and made friends. Months of conversation.

The House, as it should be, was opened for a week. In the afternoons, tasty little dishes kept the visitors longer. Coffee, tea, juice, sometimes beer to wet the mouth and to elongate the chat. Before and after: a body takes form. The name gains autonomy and becomes a catalyst of others' attentions. A common way where work, possibilities, aesthetics develop themselves. We, among all that, are involved in a sharing without beginning or end, where each one speaks what is suited to their voice, and where the strength comes from the collective food.

Now the feeling is that what was formed beneath a roof was an Idea - its sharing continues. The address once of the home is now also of correspondence.

THE HOUSE AS IT SHOULD BE, of these times: Cristiano Lenhardt, Cristina Lino, Jonathas de Andrade, Priscila Gonzaga e Silvan Kälin.

O que é meu é seu.
5 tempos paralelos: melodia
Morada comum
tempo da casa, tempo da rua
Acordo de Uso, presença.

A CASA, COMO CONVÉM.
Residência A CASA, 2008

o ateliê-morada funcionou com uma série de residências de artistas e não artistas que pensaram uma presença na casa.

no meio do processo, a casa foi aberta à visitação pública durante uma semana.

(Jonathas de Andrade)

Mine-yours.
5 parallel times: melody
Common home
Home time, street time
Agreement of use, presence

THE HOUSE, AS IT SHOULD BE
Residence THE HOUSE, 2008

the Studio-dwelling functioned as a series of residencies of artists and non-artists who thought of a presence in the house.

In the midst of the process, the house was open to the public for a week.

(Jonathas de Andrade)

Na Mariana Moura

A Exposição na Galeria Mariana Moura que acontece agora, agosto de 2010, em Recife, é um dos momentos de condensação em que a Casa como Convém, por conta de uma situação específica, toma uma forma definida, cristaliza-se em função de um movimento a acontecer, para em seguida, voltar a seu curso que escorrega fluido, poroso, aberto, amorfo e indefinido na medida em que ela está viva e é conforme acontece.

Antes disso, alguns outros momentos permitem fixar pontos em sua constância fluida: desde 2007 a carta ao mino, prólogo do livro, é serigrafada sobre espaços em fragilidade na cidade ou distribuído no contexto de trabalhos de arte; em 2008, acontece uma série de residências de artistas e não só artistas que pensam uma presença na casa, aberta à visitação pública durante uma semana no meio do processo; no mesmo período acontece o Banquete desjejum, convite aberto para artistas, arquitetos, e interessados quaisquer para visitar uma casa modernista em processo de saqueamento e desmanche, sob pretexto de partilha de café da manhã; e em 2009, Volume Base, entendendo a barraca de formas de bolo como escultura, mistura-se ao funcionamento do Mercado de São José em Recife, operando uma fabriqueta de formas de gesso vendidas no meio das mercadorias.

Agora, na Galeria, mais do que uma exposição de trabalhos da Casa, embora seja isso mesmo, procuramos criar as condições para que a Casa - seu mundo de coisas, suas salas todas de luz invadidas, suas paredes bem revestidas e recessos bons de cavas - permite a exposição e se revele por detrás dela.

Os trabalhos são agrupados quando têm em comum - em sua forma final, ou no processo - algum nó, algum ponto onde a presença do outro ou do grupo interfere, potencializa e borra os limites do que é cada um. Estes nós em geral são absorvidos na unidade de cada trabalho, mas aqui são entrevistados conforme os trabalhos se agrupam.

A casa é sempre história para contar.

A imagem do outro vira matéria que se manipula e com que se conta para trabalhar. Vão se sedimentando os documentos que atestam a proximidade de corpo no tempo partilhado. Contato. As imagens que ficam devolvem o olhar, dando a ver os filtros de cada lente.

Os olhos percorrem a cidade e ela vai pela casa conversa adentro. A casa se movimenta na cidade, responde a ela. Descobre o jeito de ser casa dentro, e apesar, dela e também de encontrar as frestas e de reconhecer nela uma casa que se habita.

Um pouso no Recife. A Casa acolhe os frequentadores, os visitantes, os próprios moradores e diversos elementos de uma vida em desuso - uma certa latência, a um tempo frágil e persistente, que onde encontra espaço se aninha e assenta; e então, com um pouco de atenção, vontade e cultivo, vira alimento para a vida corrente com que se mistura. Assim as artes de fazer se acumulam e se desdobram e as coleções se multiplicam: objetos, técnicas, hábitos e histórias.

At Mariana Moura

The exhibition at Mariana Moura Gallery that is happening now in August 2010, in Recife, is one of the moments of condensation in which A Casa Como Convém, The House as it Should Be, due to a specific situation, assumes a defined shape, when it crystallizes itself in the function of an action, until the next moment when it goes back to its course that flows fluidly, porously, openly, amorphously, and indefinably because it's alive and it's how it happens.

Before that, other moments allow points to be fixed in that flux: since 2007 the 'letter to mino', the prologue of the book that names the house, is silkscreened over spaces of fragility in the city or distributed in the context of art projects; in 2008, the house is open during a series of residencies of artists and non artists; at the same time, the Breakfast Banquet happens, an open invitation to artists and any other interested parties to visit a tropical modernist house being looted, on the pretext of sharing breakfast; and in 2009, Base Volume, a tiny factory that operates for 3 days in São José market in Recife, selling piles of plaster between the market stalls.

Now, in the Gallery, more than an exhibition on The House's works - although that's what it is - we look to create the conditions for the House and for its world of things to permeate the exhibition and to be revealed for and beneath it.

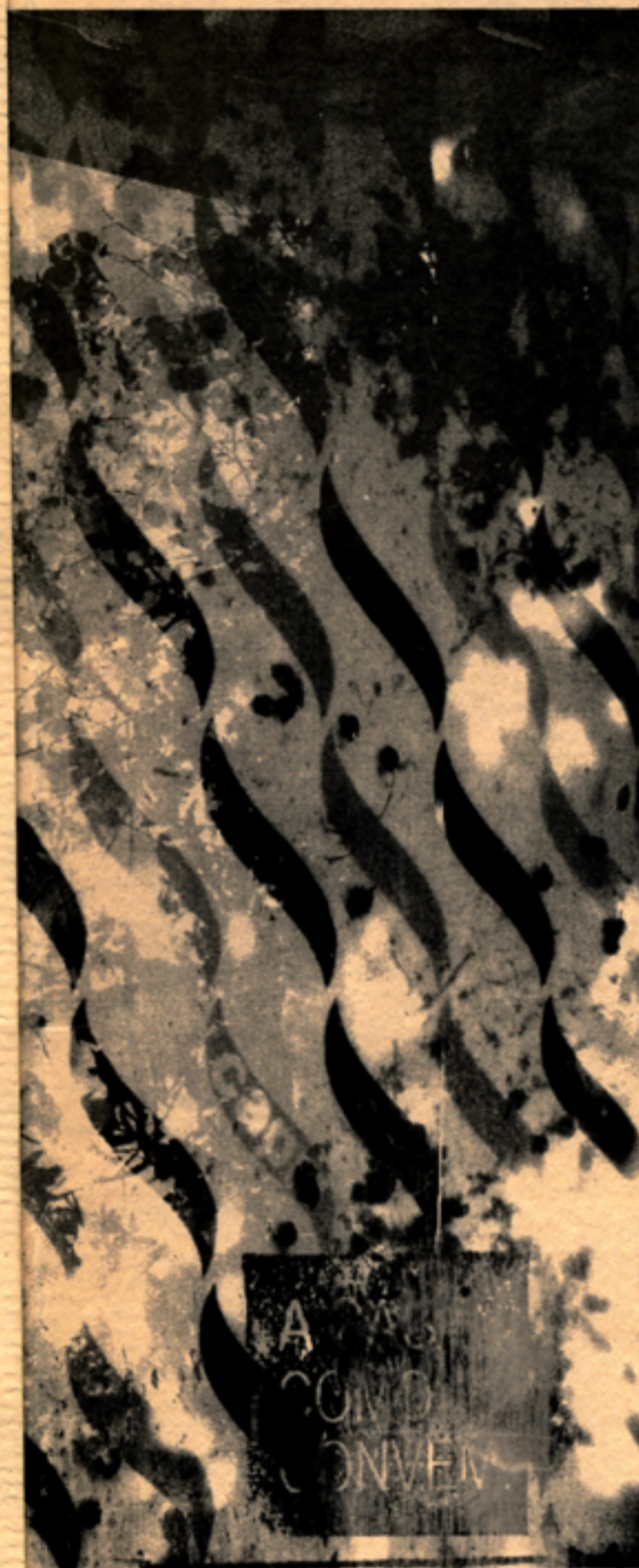
The works are grouped together because of what they have in common - in their final form, or in the process - a knot, any point where the other's presence or the group interferes, potentiates and blurs the limits of what belongs to each individual. These knots are, in general, absorbed in the unit of each work, but here they're hinted at by the way the works are put together.

A house is always story to be told.

The other's image becomes material to be handled; to rely on to work with. The trails become documents that certify the common and shared time. Contact. The images remain and give back the gaze, revealing the filters of each lens.

The eyes wander around the city and the city comes into the house through the conversations. The house moves around the city, responds to it. A way of dwelling is discovered inside the city and despite it, and also a way of finding the gaps and to recognize the city as home.

A landing field in Recife. The House shelters visitors, residents and elements of a life in disuse - a certain latency, at the same time fragile and persistent, that nestle and settle down when there is enough space; so, with a little of attention, desire and cultivation, it becomes nourishment to the current life. This way, the practices of everyday life accumulate and grow, and the collections multiply: objects, techniques, habits and stories.



PARTICULAR

A CASA. COMO CONVÉM.
Rua Silveira Lobo, 150-A, Poço da Panela.
Recife - PE - BRASIL CEP 52061-030
55 81 3267 5019

prevalcido, o que explica a loucura do amontoamento das populações urbanas em blocos de habitação coletiva, cuja célula é o apartamento.

É uma sinistra moradia, esta. Subordina o Homem a um espaço que não lhe cabe, que está aquém das suas verdadeiras dimensões, que o pressiona a uma vizinhança incômoda, constrangedora, inevitável, uma promiscuidade humilhante, que desagrega a família porque é um fator de repulsa quando deveria ser de paz, de repouso, de convívio tranquilo. Estas

construções coletivas, estes macrotérios, inspirados e estimulados pela busca do ouro, estão condenando o homem que vive por dentro da Arquitetura a um triste degrêdo — involuntário — da natureza e da poesia necessárias. Não são igualmente legítimos o instrumento lógico e o instrumento poético? O conceito de liberdade não se confunde com o conceito de espaço? É necessário **reconferir** à Arquitetura um valor desprezado: o prazer de morar. Delitos contra a natureza jamais ficam impunes. O preço que estamos pagando é demasiadamente alto: dissolução da família pela promiscuidade, formação de clãs de delinquentes enquanto as crianças, expulsas de casa pela ânsia de espaços, se divorciam, desde cedo, dos valores verdadeiramente importantes.

Se a casa é burrice, é compulsória, por imposição da Cidade cada vez mais hostil, mais anêmica, mais

esclerosada. É óbvio que é inatingível a realização da cidade plana, de reduzida densidade demográfica, abrigando uma população reduzida. A Cidade Vertical é imposta pela época, pelos costumes, pela técnica. O que ocorre, no entanto, é opostamente diferente do que seria razoável ou apenas sofrível numa cidade com tais características. A superdensidade dos quarteirões dos bairros mais populosos, com o sacrifício das áreas verdes de dispersão, e a apertada vizinhança, faz insupportável o ato de morar e circular.

Isto tudo com a cumplicidade e conviência desta entidade abstrata — o Poder Económico — que está sempre sacudindo no nariz da gente um dispendioso engenho nuclear, ameaçando acendê-lo a cada reivindicação, denúncia ou protesto que se faça, mesmo que se refiram às dimensões de um quarto de empregada. Quem não está do lado dêle — por convicção ou corrupção — está do outro lado, coagido a uma opção absurda e estúpida.

A marcha da tecnologia é de tal forma atordante que o mais sábio é não nos arriscarmos a uma previsão de comportamento arquitetónico ou urbanístico. Sou mais confiante no juízo da máquina do que no nosso: temos nos comportado muito mal nestes últimos séculos. Mas, mesmo aos trancos e tropeções, a Humanidade tem melhorado e estou convencido de que, no futuro, numa sociedade plana e planificada,

as Novas Cidades livrarão o Homem deste sentimento misantropo e isolacionista que as atuais estimulam. Seremos, um dia, bons vizinhos, em silêncio e em paz, banhados igualmente de sol, de ar, de verdura vivendo numa comunidade risonha e franca dos meninos, dos namorados, dos sabiás (onde os nossos filhos sejam convidados a pisar na grama), dos automóveis já amestrados e, acima de tudo, do lazer e do trabalho redimido da sua maldição bíblica. Tudo, então, como no filme grego, vai acabar alegremente na praia.

Enquanto isso, vou, como convém, exercendo o meu ofício, pois foi para isto que você me convocou, e não para estas especulações, mesmo que convenham.

Mino,

Habitamos, como você já deve ter notado, a América Latina e somos muito pobres, asfixiados por pressões de toda natureza: psicológicas, intelectuais, físicas, económicas, culturais e ideológicas. Apenas uma minoria — à qual pertencemos — pode decidir viver, comer, conviver, educar-se, vestir e habitar como convém aos seres humanos. O meu ofício é fazer casas, mas não estou convencido de que a habitação individual seja a solução mais sábia. Contudo, até hoje, nas condições em que vivemos, nenhum plano arquitetónico ou urbanístico trouxe mais que uma contribuição idealista e utópica, como se fôssemos um país de prósperos aristocratas.

Sómente a terrível lógica do vendedor de imóveis tem

Sempre que no telefone me falavas, eu diria que falavas de uma sala toda de luz invadida.



Queria colocar em dia o que aconteceu até agora. As coisas foram bem atropeladas, a vida sempre dando umas voltas. E esse tempo corre!

Agora, estamos aqui começando a trabalhar mais firme n'A casa como convém, um projeto de fazer uma exposição aqui na nossa casa convidando artistas e pessoas não exatamente artistas mas que admiramos e por isso queríamos ver alguma coisa feita em arte. A ideia é que os trabalhos sejam desenvolvidos pra exposição pensando no espaço da casa e que dependam do convívio conosco e o espaço, presencial, estritamente afetivo, ou indical.. Nao sei o que isso vai ser exatamente, mas - pra minha felicidade - virou o trabalho de conclusão de priscila (que mora conosco), e quero dar uma força pra coisa acontecer bem, pois me empolgo muito com a ideia. A ver...

DESISLACIONES <desislaciones@gmail.com> escreveu: mais uma coisa, que acho interessante para Casa como convém. Encontrei aqui em casa uma mariposa. Veio ainda em casulo, pela caixa do correio. E trouxe um poema tão lindo e tão adequado pra'agora, justo quando vendi a casa e não tenho onde botar tanta coisa que se acumulava algo muito importante. Veio uma cartarte, bela e delicada. E o e-mail definitivamente não é uma resposta adequada.

A CASA COMO CONVÉM.
Rua Silveira Lobo 150-A
Poço da Panela
CEP 52061-030
81 3267 5019
acasa.comconvem@gmail.com

Aulas de desenho; Retratos fotográficos e pequenos produtos de design e vídeo; Cabelos esculturísticos. Em setembro, durante a semana do SPA, a casa fica aberta durante a tarde e oferece serviço de Chaleria com comidas pequenas e conveniências artísticas. Tinha esquecido desse trabalho da louise ganz... lotes vagos... fiquei vendo que de certa forma tem a ver com a casa como convém... que acham?

Mesmo que vc nao consiga vir, a ideia é que a gente trabalhe conversando a distancia e trocando imagens, ideias, fotos, vídeos, projetos e que teu trabalho é que venha de qualquer forma passar a semana conosco, entrando e estando e incorporando à casa, e querido, vc acha mesmo que com uma casa dessa cheia de portas de abrir eu ia me aguentar aqui quieta? claro que vou nos dias em que for possível! mas pensando bem, talvez seja melhor ir antes pra trabalharmos juntos e deixar que os resultados/registros desses encontros [o da aqui e o da] sejam minha entrada na Casa... qual sua resposta?

até lá veremos juntos o que voce pensou e traçou em cima da ideia da casa e do que está contido nela.

pode ser qualquer coisa do seu universo misturado ao nosso, pode ser tudo.



Yo, Cristiano y Priscila vivimos juntos en una casa en Recife hace un año y medio. Queremos abrir la casa para visitacion entre 7 y 14 de setiembre con trabajos de artistas y amigos que sean pensados para algun espacio de la casa, y que pase por el convívio, mismo que indireto, con la casa y nos coloco nele.. nuestra gana en abrir la casa tiene que ver con la intensidad de vida que tuvimos juntos en este tiempo.

A Casa como Convem es un libro que encontramos en Rio cuando fui hacer una exposicion alla (y cuando crisis ribas habló de ustedes y fuimos ver belleza y felicidad en mac - lindo). El libro es de un arquitecto y abre con una carta increíble que tiene mucho que ver con nuestro sentimiento de ciudad actual. Recife vive por una inmensa y irresponsable especulacion inmobiliaria.. Destruyen casas de la decada de 70 para hacer edificios de 40 pisos con arquitectura morta y utilitarista, un horror. Pienso que tipo de relacion y ciudad se dibuja para el futuro proximo. Para mi, indicar la casa como lugar de encuentro y sentimientos es muy importante en este momento.

La idea de la invitacion es que puedes hacer de todo que lo quieras: dibujo, objecto, instalacion, video, sonido, instrucciones, etc... cualquier cosa. Y puedes tambien pedir informaciones. Fotos, video, etc sobre la casa y ciudad, que tratamos de enviarte. Y seguir hablando sobre las ideas con los 3..

Na verdade, os detalhes que ele me perguntou eu nem sei responder, pq nao acho que sao exatamente para o lado que o projeto me puxa... toda vez que falo, eu explico que cada um de nós puxa o projeto pra o lado que entende, que tem, logico, um elo comum que motiva toda a proposta e nossa uniao, mas que temos particularidades de conducao dos convites, e das explicacoes, sobretudo. O que torna interessante que a gente tente complementar a falta do outro quando der vontade. Acho que essa entrada de todo mundo é bem boa e importante.

Olha estamos convidando algumas pessoas para partilhar a experiencia que tivemos nesse ultimo ano e meio que foi morar juntos os tres, eu piu e Jon, vida criativa e de observacao dos processos do outro.

a ideia tá é pensar a morada, as coisas que a casa contém, os habitos, onde ela se insere, vc pode fazer o que quiser dentro dos seus procedimentos, pode vir pra cá se desejar. a casa como convém, é uma residencia a distancia, a ponte somos nós os moradores, e a extenção são voces os colaboradores, com suas casas e ideia de morada, abrigo e edificacao.

tu conhece um pouco do funcionamento, e tb tem uma casa que recebe pessoas que ficam tempos abrigados ai destrutando deste parque.

Foi por causa de um desenho feito no mapa do brasil. O brasil é um país a ser descoberto por eles, assim como o mundo inteiro, pois no mundo inteiro há arvores e há papéis. Os papéis tem sua beleza esteoante capaz de arrebatá-los num golpe só, fazendo-os espirrar e usar seu tato no auxilio do olho que se nutre. E se houverem linhas ou palavras ou imagens impressas nesses papéis de um jeito fino e peculiar é deleite apenas e exaltação. Eles não sabem o que fazer com tantos papéis, porém os admiram e os amam em sua unidade, em seu estar quando seco no som do atrito com os dedos que estimula os ovulados em poesia crua de textura.

enquanto isso recitamos abaprus cotiporus dose única estado melódico, farmacêutica cantora fernanda gassem. sim, os livros e as roupas, meu deus!... tao incrível essa sensacao de teres recortes e olhares paralelos sobre um mesmo interesse... tantos olhares sobre um abandono.. parece que relativiza seu esquecimento.

Você saberia precisar para mim o nome do autor e o ano da publicação, e em qual contexto o arquiteto se dirige ao Mino. Quem é Mino? tela com atencao sim, pode ser uma afirmacao. sim, pode ser o meu comentario sobre o que se pode fazer. E então eu tomo pelo gosto e começo a continuacao.

Agora, pública.

TOMBAMENTO
TOMBAMENTO
órgão criado pela dupla de artistas cristiano lenhardt e jonathas de andrade, para designar ao estatuto de importância, o modo de estruturar e formar as matérias que apresentam a visibilidade.

arbitrariedade? SIM
por que? impossível não ser assim para decidir o que é relevante de tombo e o que não é.

a máquina de escrever por exemplo TOMBADA !!!
a fotografia é suporte que revela um pensamento a minha melhor foto não tem foto direito e é LINDA
POR ENQUANTO EU OBEDEÇO A INTUIÇÃO
o pensamento cartesiano está fora de moda, hihini quem te ensinou a sensibilidade?

lista de coisas a serem fotografadas:
- prédios das décadas de 60, 70 e 80, casas dessa mesma época e mais antigas, que apresentem características modernistas "tropicais" na cidade do Recife;
- hábitos como: ter uma máquina de costura em casa e fazer suas próprias roupas, cortina s, toalhas;
- jameiros, mangueiras, ruas paralelas e pedos (essa palavra é um escândalo) - folhas de papel;
- os momentos em que todos estão descontraídos; - as coisas que são usadas raras em Recife);

em contexto, caso isso não seja melhor com isso que eu estou falando. Andei pensando esses dias que o resultado imagético da força vertical enquanto pesadelo tem um limite reflexivo no senso comum, pois quando ainda visualizamos o plano e o horizonte, a verticalidade nos choca. Essa imagem que vc postou só tem força pq ainda temos uma linha visual de fuga e essa utopia aparente existir.

claro que me lembro da casa de voces, com um gramado lateral muito delicioso..

bah essa casa é a casinha das casinhas construídas e demolidas no mesmo dia, e uma vida inteira vivida ali dentro, não dentro, no meio de uma casa maior. agora casa mundo casa matéria

será que a consciencia é o avesso dessa casa? Desculpe pelo silêncio, mas nem sempre consigo manter minha caixa postal em dia. As fotos são reveladoras do processo de abandono, mas também fogerem formas de ocupação, mesmo que transitórias. Aliás, a ocupação transitória, ou as sombras movêdicas, merece maior reflexão de nossa parte. Lembra que eu falei no ano passado que vocês podiam ter ficado no jardim nosso? Então, é um pouco isso acontecendo, há por

correspondência... (por falar em correspondência..!) Um banquete desejem está sendo preparado para amanha, às 9h, numa casa na esquina da rua padre anchieta com a davino pontual, numero 560. A casa é incrivelmente linda, uma construção modernista que foi saqueada e destruída. A ideia de fazer um banquete neste lugar e neste momento vem da vontade de reunir amigos também arrebatados pelas transformações da vida, do mundo e da cidade, para um encontro de sentimentos, em que se enche a barriga dormida de frutas e sucos, preenchendo de presente esse passado e o dia com energia geradora e transformadora. Gostaria muito de compartilhar desse momento com todos vocês, de encontrar cada um de vocês e seus amigos lá. ps.: a ideia do banquete é parte do projeto A casa como convém, e foi motivada pela visita da amiga arquiteta Cristina Gouvêa, que é uma das residentes da casa. Quero apresenta-la a vocês amanha, beijo Registrem bastante. O Luizinho vai adorar!

Das Projekt A CASA COMO CONVÉM hat sich aus diesem Wunsch entwickelt, inspiriert durch das Buch mit dem gleichnamigen Titel des Architekten Marcos de Vasconcellos (Rio de Janeiro Guanabara, 1965). In dem Buch präsentiert der Architekt das Projekt eines Hauses für den Journalisten Mino und spricht darin mit idealistischer Sichtweise über die modernistischen Praktiken in Lateinamerika und wie ein Haus in Angleichung an die brasilianischen Bedingungen idealerweise konstruiert sein müsste.



que saudade de todos e que vida dupla essa com a cabeça cheia sotaque ... que coisa esse sonho... vou acabar inventando por aqui na minha cabeça um sonho outro com as pistas que vc mandou... jon te contou sobre a ideia de levar as escalas que pensava em por nos móveis para a cidade e com isso criar uma outra realidade em que editamos o tamanho das coisas? que te parece? não precisa ser prá casa... é uma ideia que vem dela... O banquete foi maravilhosos!.. Nao foi meu aniversario nao... foi a casa como convem se espalhando na cidade.

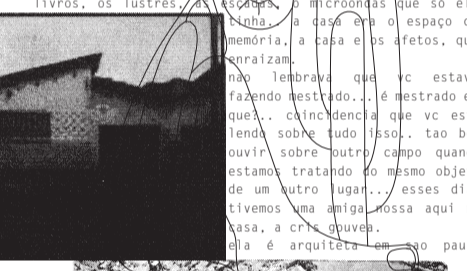


Foi bem bonito ver os amigos compartilhando.. os desconhecidos entrando.. as frutas e todo o banquete se tornou de certa forma um pretexto para sentir a atmosfera de um tempo suspenso.. tempo de ruína de uma cidade sem guerra, porem em transformacao.. vou separar fotos e vou te mandar pra voce ver.

A ideia da casa é bem especial pra gente... pq vem da vontade de expandir pra mais gente a coisa boa que foi vir morar junto.. e a partir do convívio se misturar com o outro, em gostos, vontades, afinidades, atritos, tudo.. existe muita riqueza de encontro em toda essa intimidade compartilhada.. entao veio a vontade de ter pessoas se relacionando com a casa, com a gente.. e pensando em tudo isso por via do convívio. Cada um tem um jeito de entender esse projeto.. eu tu começando a entender melhor como eu me coloco nele.. acho que tem a ver com as pessoas que descubro na vida, e bate o olho e sei que ali tem coisa pra ser trocada... e aí nao importa o que a pessoa é faz ou foi, o encontro é que é pulsante.. o jeito que o outro existe, e pulsa na vida é que inspira e faz sentido nessa experiência de vida e casa, esse pulsar de encontro é bonito de ver transformado em beleza feita, materializada. essa troca só é possível quando estamos atentos a ela.. e acho que a casa favorece um jeito de viver para isso, nesse sentido achei o texto do tecido tem a ver com o projeto.. pensar o jeito que a cidade se transforma.. e que tipo de relacao entre seus habitantes se controla para o futuro, um dia fui visitar minha vó, e mexendo nos montes de coisas que ela guarda em casa, me deu um clique, daqueles que dão qd vc menos espera, como uma lembrança que aparece a partir de um cheiro, sabe? lembrei que era ela quem me contava histórias, ela era minha sherazade, e a casa dela é cheia de coisas antigas, ela colecionava tudo, sempre adorei isso, mas nunca tinha pensado sobre, morei uns dois anos com ela, dos 3 anos aos 5, acho, então me convenci que eu devia sim saber contar histórias, só devia ter esquecido, e aí o exercicio era lembrar e lembrar também era contar, era inventar, criar, selecionar, perceber que muita coisa tinha relação com a casa, com aqueles objetos, todos, os livros, os lustres, as escadas, as microondas que só ela tinha, a casa era o espaço da memória, a casa e os afetos, que se traizavam.

nao lembrava que vc estava fazendo nesto... é estrado em que.. coincidência que vc esta lendo sobre tudo isso, tao bom ouvir sobre outro campo quando estamos tratando do mesmo objeto de um outro lugar... esses dias tivemos uma amiga passa aqui na casa, a cris duves. ela é arquiteta em sao paulo

com aqueles objetos todos, os livros, os lustres, as escadas, as microondas que só ela tinha, a casa era o espaço da memória, a casa e os afetos, que se traizavam.



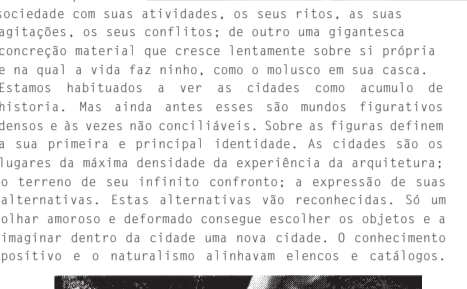
e tambem participa da casa e veio passar 6 dias aqui conosco... foi bom conversar e apresentar o que tenho vivido e sentido.. ouvindo minha propria voz me encontro no outro.. escolho as palavras, seleciono o que apresentar, narro como tenho vivido, e inevitavelmente, me escuto, entendo como o vivido rebate no corpo, no coracao... o outro devolve com o seu universo, com o que agrada e desagrada: aproxima e afasta... existe muita generosidade na abertura para a partilha... cria-se encontro, complicitade, esse duplo movimento gera potencia, devolve foco e energia criadora, e continua.. aos dois e aos outros, devagarzinho, vou entendendo melhor sobre o que proponho, desejo, almejo.. e um pouco sobre a casa como convem, do jeito que imagino que ela faz sentido pra mim, acho que a casa como convem é sobre os encontros, em tudo de especial e delicado que eles tenham... espero que o pouco desses encontros que esteja na casa como convem em setembro, seja uma maneira de introduzir esses amigos que reunimos, e um pouco daquilo que nos fascina neles.. se o encontro com cada um tem uma dimensao de fantastico.. que a casa celebre tudo isto.. e que possibilite que essas pessoas encontrem as outras pessoas, e vire um balta dum formigueiro explosivo.. rsrs... um pouco do que aconteceu aqui esses dias com a cris.. devagar ela foi entrando em contato com o que propomos e entendendo o jeito dela.. devolvendo do jeito dela.. fomos numa casa que eu e cris e piu achamos linda e que foi destruída... veio a ideia de fazer um banquete, falamos pra cris e ela cortiu um monte... organizamos tudo em 2 dias e fizemos um banquete desejem chefo de frutas incríveis... e com a musica da vitrola que vc conhece... foi bonito ver os amigos compartilhando... entrando e sentindo o que nos chamou ali.. tambem ver desconhecidos entrando e tomando um tempo lá.. e tambem tendo a surpresa de visitas inesperadas.. muita conversa, atencao.. disponibilidade, como reconhecia a cris... todos esses encontros fogem um pouco da inevitavel rota do cotidiano, que para tirar o nosso sustento de pagar contas, emprestamos nosso tempo para gerar riqueza para outro, tudo que saía um pouquinho desse clima de dormencia e alienacao.. e que arregaço nossas mangas para um trabalho que seja nosso, trabalho gerando riqueza pra nós mesmos, acho massa, potente, forte, explosivo, incorporar esse fluxo não me é muito fácil... mas o encontro com quem esta de coracao pulsante me contagia, e nesses dias consigo entrar num foco raro pra mim... num contato constante... numa atencao constante... parece que tudo que contei que percebo e percebemos, que faço e fazemos, se materializou em ferramentas que podiam ser de fato usadas...

nessas horas que a arte pode ser de qualquer um, e que é possível agir como se quiser, transformar e reinventar o que se quiser... os rios, o negro, o capibaribe, o mississipi, o milton, o joão cabral, o faulkner, eu ando em Recife espilando o rio, e ele sempre está ao meu lado, corta a cidade toda e corta sempre meus caminhos, é como um norteio, com ele eu sei onde estou, o rio é tão simbólico que não consigo explicar objetivamente meu carinho, e é também tão batido que prefiro não arriscar, mas deixa eu te dizer... uma amiga me contava que fizeram uma pesquisa aqui no sertão, nas cidades de tradição poetica, de cantadores, principalmente as do sertão do pajéu (são José do egito, sertânia, flores, solidão, santa cruz da baixa verde, tabira, triunfo...), e descobriram que a poesia seguia o curso do rio, nas cidades que o pajéu não alcançava, a poesia enfraquecia, a cultura de cantadores quase desaparecia...

estou aproveitando esse nosso papo pra pensar sobre o que rolou desde sao paulo... emendando com aqui, esses dias desde minha volta, acho que tem muito o que estou acreditando aqui.. e muito da casa como convem. acho bonita a ideia de a travessieiro com o texto feito presente.. para por a cabeça, dormir e sonhar... acho muito poderoso a capacidade de pegar um tecido e costurar, transformando, dando volume, transformando em objeto, em utilidade ou adorno, em beleza que faz sentimento pra quem olha, quero contar quem eh voce quando alguma me perguntar o que é aquela peça que voce mandou pra casa, mas voltando a cidade e a arquitetura, tenho percebido

tanto na fala do Jon e dos meninos quanto na tua, uma oposição entre casa e cidade [que entendo pensando em coisas como o espaço público vulnerável x espaço privado protegido e na resistência que a ideia de casa pode representar diante de uma cidade lisa, opressora, angustiante, desnezaizada, etc. mas] que me soa um pouco esquisita.

Existe uma cidade em que se vive e uma cidade construída que acolhe e hospeda. Estão ligadas por uma relação obrigatória, e mesmo assim são realidades separadas. De um lado o corpo da sociedade com suas atividades, os seus ritos, as suas agitações, os seus conflitos; de outro uma gigantesca concreção material que cresce lentamente sobre si própria e na qual a vida faz ninho, como o molusco em sua casca. Estamos habituados a ver as cidades como acumulo de história. Mas ainda antes esses são mundos figurativos densos e às vezes não conciliáveis. Sobre as figuras definem a sua primeira e principal identidade. As cidades são os lugares da máxima densidade da experiência da arquitetura: o terreno de seu infinito confronto; a expressão de suas alternativas. Estas alternativas vão reconhecidas. Só um olhar amoroso e deformado consegue escolher os objetos e a imaginar dentro da cidade uma nova cidade. O conhecimento positivo e o naturalismo alinhavam elencos e catálogos.



O projeto individualiza objetos de afeições e sobre eles ergue uma nova e imaginária cidadezinha. é lindo pensar o mundo como representação, tudo sobreposto e achatado, simplificado, quase bidimensional, imagem, assim é possível manipular tal matéria pensando em rebatimentos na realidade verdadeira - aquela inventada, proposta aqui agora, revelar todas as camadas, dar o tamanho devido às coisas, utopia.

te falei e um haikai do leminski que é assim: tudo dança hospedado numa casa em mudança

É uma casinha de vidro. Uma casinha de vidro com um casulo dentro. O casulo foi feito da minha própria pele, pele do corpo retirada com cola, cola branca mesmo, como na infância quando a gente passava cola na mão e depois puxava. Uma das faces da casa-cubo é de espelho. E bem aquela do fundo, quando a gente chega perto para olhar se vê refletido lá dentro.

A casa de vidro não tem chão. Não tem chão que a sustente. Quando eu era criança fui criada por uma casa de vidro assim. Tudo era tão frágil! Então a casa me pedia equilíbrio. E foi assim que eu aprendi a andar com os pés descalços.

Por um período o abandono da casa teve como efeito colateral uma abertura, um vazio silencioso a acolher diversas sombras movêdicas, inclusive nós, entre as plantas e demolidores de saque, pensando com a lógica da dinâmica dos fluidos, revela-se aí uma pressão latente da cidade: os elementos de segundo plano - a natureza, os que sobrevivem do descarte, os que olham para as poéticas - encontram lugar de vazão na disponibilidade da casa em desmonte.

Esse caráter transitório faz pensar por um lado nas edições desse espaço no tempo e por outro nesses circuitos subterrâneos e em sua forma fluida e silenciosa de identificar e transitar por essas disponibilidades na cidade.

Se bem que agora, escuro recente, o sentimento é o do vazio de ficar falando sobre uma coisa que se desintegro, não só a casa, mas essa amparo material da abertura que ela representava. Olhar as imagens e ver as pessoas flutuando num cenário transparente.

Agora tudo é [hi]stória, a ver como ficam os registros e o que fazer com eles.

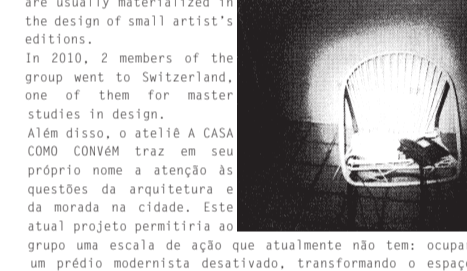
Since 2007, the studio-dwelling A CASA COMO CONVÉM (the home as it should be) has been working in issues like tropical modern architecture, the high speculation of the city and its memory, graphic design and manufacturing/ printing techniques in disuse. The works of the group take place through exercising a way of living and relating oneself, and in the sharing of each one's artistic universe and interests. These experiences are usually materialized in the design of small artist's editions.

In 2010, 2 members of the group went to Switzerland, one of them for master studies in design.

Além disso, o ateliê A CASA COMO CONVÉM traz em seu próprio nome a atenção às questões da arquitetura e da morada na cidade. Este atual projeto permitiria ao grupo uma escala de ação que atualmente não tem: ocupar um prédio modernista desativado, transformando o espaço do esquecimento em plataforma de trabalho, ativando pela presença viva os circuitos da cidade carregados de memória e permeados de fragilidade, emprestando-lhe nova potência e novo pulso. O grupo entende esta ocupação e reativação de peças da cidade em fragilidade de esquecimento como uma forma de tombamento, em que um novo fluxo de funcionamento atua ressignificando sua presença-ausente, reinsinuando o lugar em uma dinâmica renovada, transformada e atualizada na memória presente da cidade.

Nesses encontros todos, inclusive o nosso, tão potentes e tão íntimos, tem uma energia enorme concentrada [maravilhosa] que agente reconhece, ativa e aplica... tudo isso nos transforma e muita coisa fica, umas vivas pulsando e se transformando junto com agente e outras vestígios subexistindo sob neblina... mas o momento do encontro e toda essa potência, são por definição transitórios [se não fosse assim, que asfixia, né?]. ... desejar isso como rotina, não sei não... agora não se há de esquecer de uma coisa que é o reencontro, mesmo entre gente que não se afastou... penso que é mesmo uma questão de momento, de alinhamento...

me vem a imagem da casa como um relógio, chelo de ponteiros, uns três ou quatro deles prá cada pessoa... eles estão ali, no mesmo eixo, se movendo juntos, mas não no mesmo ritmo, se contaminando, mas não por e passo um com o outro... há momentos em que se alinham todos e aí é uma explosão, uma pilha de ponteiros sobrepostos no mesmo ritmo e apontando na mesma direção... depois volta a desalinhar retomando o ritmo ou se reorganizando transformados pelo momento de [re] encontro/alinhamento... vão se combinando, dois com dois com um, três com um com dois, e se saltando novamente... as possibilidades de [re]arranjos são inúmeras... quando chega algum de fora, outro relógio, outro eixo, há que se alinhar direção e pulso, pois não há eixo constante comum, sabe?...



Aquela nossa conversa antes de ir embora, tão diferente de todas as outras, é um pouco o desejo de construir esse eixo que independe do alinhamento dos pulsos, um pouco a consciência de que ele é transitório e que a proximidade, a troca, o contato, o afeto não podem depender só dele, não acha? que tudo isso tem que se construir sobre outras bases, até para garantir uma proximidade outra que permita o [re]encontro quando os ponteiros puderem novamente se alinhar...

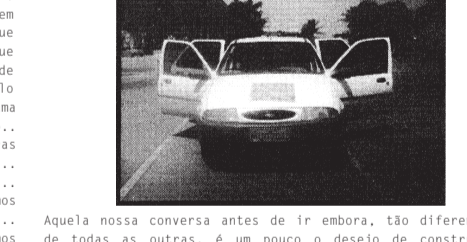
O convívio que agente festeja tanto é também atrito, antes assim do que liso, estanque e por fim, se movendo numa fluidez que na verdade é inércia!

Mas é assim mesmo, de um jeito ou de outro é um projeto de três pessoas - E uma coisa está na conta é que a conversa que você tem com um e com outro pode mostrar um tanto diferente. Depende das perguntas e pra quem são feitas, sabe? Tem o livro num zip desde maio pra ti. Mas lembra, é um livro que chegou e se encaixou numa ideia que de tão boa pra gente pode até ter mudado ele.

Impressiona também perceber a pressão silenciosa sob a qual vivemos, uma vez em disponibilidade, o espaço antes estanque, é imediatamente invadido.

todos esses elementos que vivem espresditos chegam, alastram-se e acoplam-se a essa disponibilidade ainda que não autorizada, a vegetação vem com força e se fixa rápido: os "desmontadores", personagens de um circuito informal que em nome da sobrevivência constroem nas brechas as alternativas e invisíveis editam em silêncio o espaço; e nós, em busca de respiro, memória, fubulação, poesia, chegamos também e encontramos pares.

e uma última coisa: tão bonito esse espaço esvaziado sendo preenchido pelas histórias que construímos sobre ele segundo as entradas pessoais de cada um: nós duas e eliza vaz na tentativa inevitável de reconstrução do desenho original em busca de um projeto, todas as especulações sobre a história da casa como morada, queridos, que achado de vocês essa casa! que lindo esse olhar aberto e atento de quem quer ver, já treinado a enxergar o invisível! saude grande de todos



a casa como convém

